

## CASEMIRO DOS REIS FILHO E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

DERMEVAL SAVIANI\*

*RESUMO.* O presente artigo procura traçar a trajetória do Prof. Casemiro dos Reis Filho a partir da origem de seus pais, em Portugal, passando pela sua escolarização no interior de São Paulo, sua formação em pedagogia na USP, o doutorado na PUC-SP, sua atuação destacada no magistério do ensino fundamental, médio e superior, na produção científica, na administração universitária e na divulgação de pesquisas educacionais, evidenciando sua relevante contribuição ao desenvolvimento da educação brasileira.

*Palavras-chave.* Educação; Pedagogia; História da educação; Pensamento pedagógico brasileiro; Educadores brasileiros.

### 1. Origens

Os ascendentes do Prof. Casemiro vieram de Portugal. Os avós paternos são originários de Trás-os-Montes. O avô materno, Antonio do Espírito Santo Duarte, veio de Pé na Cova e a avó materna, Antonia Pereira Duarte, de Coimbra.

O avô paterno, João dos Reis, veio para o Brasil em 1894, tendo fugido por razões políticas, já que era republicano.<sup>1</sup> O Partido Republicano Português surgiu em 1873, tendo se tornado uma força política respeitável a partir do final dos anos 80. Com efeito, “a última década do séc. XIX e a primeira década do séc. XX correspondem a um período em que a idéia monárquica vai perdendo gradualmente a sua legitimidade e as próprias instituições monárquicas vão mergulhando numa crise cada vez mais irreversível” (Pintassilgo, 1998, p. 47). Assim, embora a insurreição republicana do Porto, que eclodira em 31 de janeiro de 1891, tenha fracassado, a receptividade dos republicanos junto à opinião pública

---

\* Professor Titular do Departamento de Filosofia e História da Educação da FE/Unicamp e Coordenador Geral do Grupo Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. *E-mail:* dsaviani@obelix.unicamp.br

crescia continuamente. E, proporcionalmente a este crescimento, crescia também a resistência dos monarquistas, interpondo obstáculos de toda ordem à ação dos republicanos, especialmente nos anos 90 do século XIX. É provavelmente esse quadro que explica a fuga para o Brasil do republicano João dos Reis, em 1894. Nesse momento, o Brasil já contava com cinco anos de regime republicano, enquanto Portugal ainda iria esperar mais dezesseis anos para instalar a República em 1910.

Casado com Joaquina Rosa da Silva dos Reis, que veio para o Brasil em 1898, João dos Reis fixou-se na região de Ribeirão Preto (SP), onde trabalhava numa fazenda de café junto com seu filho Casemiro dos Reis, o qual nasceu em Sertãozinho (SP). Com o produto desse trabalho fundou uma casa comercial de secos e molhados que, como fornecedora das fazendas do Sr. Schmidt, se tornou muito próspera. De fato, com a expansão do café para o oeste paulista, Ribeirão Preto cresceu em importância, vindo a ser cognominada de “Capital do Café”. Segundo o testemunho de Fernando de Azevedo na obra significativamente denominada *Um trem corre para o oeste*, “foram de notável providência os fazendeiros de Campinas quando, sob a inspiração de Saldanha Marinho, Governador da Província e o principal fundador da Paulista, se decidiram a organizar essa Companhia destinada a transformar-se em pouco tempo na maior transportadora de café no mundo”. Inaugurada em 1872, com 45 km, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro chegou, em 1948, a 1.537 km “transportando 61% do total de exportações do país e servindo aos principais centros agrícolas e industriais de São Paulo, na diretriz de Ribeirão Preto e na do Triângulo Mineiro” (Azevedo, s/d, p. 46).

Assim, a prosperidade da família Reis refletia a prosperidade dos cafeicultores paulistas que, por sua vez, impulsionavam a urbanização do país por meio do capital que ingressava, em decorrência dos crescentes índices de exportação de café. E essa progressiva urbanização trazia consigo a exigência de expansão e melhoria do atendimento escolar, traduzida nas reformas do ensino que se manifestaram nos diferentes estados brasileiros ao longo da década de 1920, iniciando-se com a reforma paulista de Sampaio Dória (1920) e tendo seqüência com as reformas de Carneiro Leão, no Rio de Janeiro (1922), de Lourenço Filho, no Ceará (1923), Anísio Teixeira, na Bahia (1924), José Augusto, no Rio Grande do Norte (1925), Francisco Campos e Mário Casassanta, em Minas Gerais (1927), Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (1928), e Carneiro Leão, em Pernambuco (1928).

Foi nesse contexto que Casemiro dos Reis se enamorou de Ingrácia Duarte, nascida em Jaú (SP), vindo com ela a se casar. Desse casamento

nasceu o primeiro filho que, tendo recebido o nome do pai, passou a se chamar Casemiro dos Reis Filho.

## 2. Do meio rural à cidade do Interior

Casemiro nasceu em Pontal, pequeno município do estado de São Paulo, próximo a Ribeirão Preto (28 Km), no dia 15 de novembro de 1927. Nesse momento, a fase de prosperidade vivida por sua família estava prestes a se encerrar. A crise econômica mundial, que adquiriu visibilidade com a quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, estancou as exportações de café, lançando o setor numa crise de superprodução de grandes proporções. Em consequência, os negócios de Casemiro dos Reis se retraíram, obrigando-o a vender sua casa comercial para comprar uma pequena fazenda no distrito de Poloni, no município de Monte Aprazível, situado a 50 Km além de São José do Rio Preto.

Foi aí, em Poloni, que Casemiro dos Reis Filho concluiu o curso primário, em 1941, portanto, já com 14 anos, o que evidencia as dificuldades de frequência à escola para a população do meio rural naquela época. Após uma sofrida passagem por Campinas para cursar o ginásio como interno no Colégio Ateneu, onde permaneceu até a conclusão da terceira série, Casemiro regressou à sua região, concluindo a quarta série em Mirassol. Nessa ocasião, como filho mais velho, foi consultado pelo pai, que se encontrava muito doente, “sobre se queria tomar conta da fazenda”, recebendo como resposta “que ele só queria trabalhar para poder se dedicar aos estudos, único sonho de sua vida” (carta de Aldaíza). Decidiu-se, então, pela venda da fazenda que possibilitou a compra de um bar, que Casemiro administrou entre 1947 e 1949, em Mirassol, distante apenas 17 quilômetros de São José do Rio Preto. Nessa época, ele realizou, na “Universidade do Ar” do Senac o Curso Comercial Radiofônico, tendo obtido o Certificado de Aprovação em 24 de fevereiro de 1949.

Ao mesmo tempo, a situação mais favorável propiciada pela condição de dono de bar lhe permitiu frequentar simultaneamente o Curso Técnico em Contabilidade da Escola Técnica de Comércio “D. Pedro II” e o Curso Normal do Instituto de Educação Estadual “Monsenhor Gonçalves”, ambos em São José do Rio Preto, cursos esses concluídos em 1950. A essa altura, já com 23 anos de idade, decide mudar-se para São Paulo, a fim de continuar os estudos em nível superior. Vende, pois, o bar para reunir os recursos que lhe permitiriam instalar-

se em São Paulo e perseguir, por esse caminho, o “único sonho de sua vida”, que era dedicar-se aos estudos.

### 3. De Rio Preto para a Capital

Em 1951, Casemiro ingressa simultaneamente no Curso de Pedagogia e no Curso de Economia, ambos na Universidade de São Paulo, freqüentando o primeiro no período diurno e o segundo no período noturno. Ao mesmo tempo, exerce a função de professor substituto na Escola Primária anexa ao Instituto de Educação “Caetano de Campos”, a famosa escola da Praça da República da capital paulista. Entretanto, o salário intermitente, característico do professor substituto, tornava muito difícil sua subsistência na capital, o que o levou a aproveitar a oportunidade surgida com a abertura de um concurso público de professor secundário na disciplina de Sociologia da Rede Estadual de Ensino. Eis como ele próprio relata o episódio do concurso:

Era muita gente e o Antônio Cândido me deu umas dicas. Estava fazendo o concurso e ele entrou no saguão da Faculdade de Filosofia da USP, que ficava na Maria Antônia. E eu estava saindo da sala e o Antônio Cândido me chamou: “Oh Casemiro! O que você está fazendo aqui?”. “Estou fazendo o concurso de sociologia”. Ele olhou para mim e disse: “Entre seus concorrentes, há gente que cursou quatro anos de sociologia e você só fez dois anos de sociologia comigo”. “Já deu”, eu falei. “Já deu? Eu vou ver”. Ele era amigo do pessoal lá da banca. “Olha, já deu!” Ele virou e disse: “Foi meu aluno, foi meu aluno”, com aquela alegria que todo mundo via. (Reis Filho, s/d, p. 122)

Em decorrência do concurso, Casemiro foi nomeado por Ato do governador do estado de São Paulo, de 21 de setembro, publicado no Diário Oficial do Estado em 25 de setembro de 1953, para exercer o cargo de Professor Secundário de Sociologia na Escola Estadual “Dr. Fábio Barreto” de Registro, no Vale do Ribeira. Em consequência, abandonou o Curso de Economia, dividindo o seu tempo e esforços entre as aulas em Registro e o Curso de Pedagogia em São Paulo. Em verdade, o que ele sempre quis foi ser educador, como se depreende de suas próprias palavras, proferidas em entrevista concedida à *Revista da ANDE*, em 1984: “eu não seria outra coisa na vida porque considero educação uma atividade encantadora” (idem, 1984, p. 38). Vê-se, assim, que ele queria se dedicar aos estudos porque o “único sonho de sua vida” era ser educador.

Em Registro, assumiu o magistério com tal empenho que logo foi considerado um professor exigente. Os alunos reclamavam de sua severi-

dade. Conforme relata em uma de suas entrevistas, ele fazia os alunos lerem um livro por semana e, para quem nunca havia lido nada, isso era considerado demais. Integrava a população de Registro uma grande colônia japonesa. E o chefe dessa colônia o convidou para um jantar. Casemiro aceitou o convite, mas estava temeroso de que, à vista das reclamações dos alunos, aquele jantar tivesse o objetivo de pedir-lhe maior condescendência. E ele não estava disposto a transigir naquilo que considerava como a tarefa educativa do professor. Mas, ao final do jantar, o japonês se levantou e, dirigindo-se ao Prof. Casemiro, falou: “Olha, professor, a colônia se reuniu e pediu para eu dizer ao senhor que nós queremos é isso mesmo, um professor que ensine e que exija do aluno; pode contar comigo” (idem, s/d., p. 118).

Casemiro inicia o ano de 1955 já formado em Pedagogia e resolve, então, realizar seu desejo de retornar às suas origens, em Rio Preto, onde morava sua mãe.

Também São José do Rio Preto se beneficiou da expansão da cultura do café para o oeste paulista, tendo sido o seu desenvolvimento impulsionado pela chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Araraquarense: “às culturas iniciais de arroz, milho e feijão, a década de 20 vê acrescentar-se a do café. As estatísticas de exportação da rubiácea indicam as seguintes cifras: 7 milhões de quilos em 1923; 8 milhões e 800 mil quilos em 1926; 15 milhões e quinhentos mil quilos em 1927” (Oliveira, 1989, p. 47).

De 1912, quando a estrada de ferro chegou a São José do Rio Preto, até 1927, ano do nascimento do professor Casemiro, “a arrecadação cresce cerca de 15 vezes” (Ibidem).

#### 4. De volta ao Interior

Em 10 de março de 1955, Casemiro encerrou suas atividades docentes em Registro, de onde se removeu para o Instituto de Educação “Monsenhor Gonçalves”, de São José do Rio Preto, escola onde havia feito o curso normal, no qual fora colega de turma de Cacilda Baldy, com quem veio a se casar em 9 de julho de 1956 e ter sete filhos: “A escola não tinha mudado, até o diretor era o mesmo da época de minha formatura”, diz Casemiro. E prossegue: “Quando o diretor entrou na classe para me apresentar, disse muito ingenuamente: ‘Este é um ex-aluno nosso, ele vai entender bem a situação de vocês’. E eu entendia mesmo: eles não sabiam nada, absolutamente nada”. Mas iriam aprender:

“E começamos naquele sistema, leitura todos os dias, todas as semanas um livro de leitura”. A mentalidade, entretanto, era “muito diferente da colônia japonesa, onde queriam um professor exigente”. Em lugar disso, “fizeram uma caravana para falar com o governador” (Reis Filho, s/d, p. 118) que, prossegue Casemiro, era um demagogo “chamado Jânio Quadros, malandro populista” (ibidem, p. 119).

Através de novo concurso público, a partir de 1956, assumiu a cadeira de Educação do Instituto de Educação “Capitão Porfírio de Alcântara Pimentel” de Monte Aprazível, acumulando-a com a cadeira de Sociologia lotada no Instituto de Educação “Monsenhor Gonçalves” de Rio Preto.

Casemiro conta que, quando retornou de São Paulo para Rio Preto, “começou um movimento para se criar uma faculdade. Eu defendi a criação de uma Faculdade de Direito, mas as pessoas achavam melhor criar uma Faculdade de Filosofia. Eu era contra a justificativa que o pessoal da cidade dava: queriam uma faculdade de Filosofia porque assim as meninas não precisariam vir para São Paulo e ‘se perderem’ aqui. Fui voto vencido” (Reis Filho, 1984, p. 38).

Com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, Casemiro foi afastado das cadeiras de Sociologia e de Educação, ficando à disposição da nova Faculdade a partir de 24 de abril de 1958, quando assumiu a Cadeira de História e Filosofia da Educação do Curso de Pedagogia. De fato, Casemiro, juntamente com Maurício Tragtenberg, Flávio Vespasiano Di Giorgi, Wilson Cantoni e outros jovens professores formados pela Universidade de São Paulo, foi um dos iniciadores da Faculdade de Rio Preto, que se caracterizou na sua primeira fase, até abril de 1964, pela seriedade, qualidade e entusiasmo com que alunos e professores se dedicavam às tarefas acadêmicas.

Para Zuleika Aum Attab, “a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto foi implantada sofrendo a hostilidade, até certo ponto latente, da área municipal e suportando também o impacto da hostilidade manifesta dos círculos universitários da capital do Estado” (Attab, 1973, p. 18). Entretanto, para Newton Ramos-de-Oliveira, “a classe dominante local e seus intelectuais” pretendiam implantar “uma escola que formasse estudiosos tradicionais e *adaptados* ao sistema, capazes de atuar com *neutralidade acadêmica*”. Mas, “quando a *Filosofia* se instalou e adotou como lema a frase de Kant – *Sapere Aude* –”, a camada enriquecida de Rio Preto “não imaginou que o pensamento fosse atualizado, envolvendo práxis coletiva institucionalizada por um

ágil e democrático sistema departamental. Quem temia uma USP *caipira*, recebe uma escola de ensino e pesquisa renovadores e que ousa tentar ultrapassar a própria USP!” (Oliveira, 1989, p. 163-164).

Após o golpe militar deflagrado em 31 de março e consumado em primeiro de abril de 1964, a repressão, aliada aos opositores internos, desmontou a relevante obra pedagógica que se construía na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, atingindo o corpo docente e a liderança do movimento estudantil. Casemiro foi “detido para averiguações políticas e sociais (Delegacia Regional de Polícia de São José do Rio Preto)”,<sup>2</sup> ficando preso entre 15 de março e 11 de maio, após o que foi sumariamente dispensado de suas funções na Faculdade por Despacho de 8 de junho do Governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, publicado no dia 9 do mesmo mês.

## 5. De novo em São Paulo, “sem lenço nem documento”

A esperança de que pudesse reassumir as cadeiras de Sociologia e de Educação das quais era professor efetivo, por concurso público, desvaneceu-se com a exoneração subsequente, por motivos políticos, também dos cargos que tinha conquistado junto ao Instituto de Educação “Monsenhor Gonçalves”, de Rio Preto, e Instituto de Educação “Capitão Porfírio de Alcântara Pimentel”, de Monte Aprazível. Nessa situação, casado, com seis filhos (o sétimo nasceria em 1966) e sem emprego, Casemiro decide retornar a São Paulo onde, segundo seu depoimento, fez o que todo desempregado faz: abriu o caderno de classificados do jornal, no caso *O Estado de S. Paulo*, e saiu à luta como vendedor da Enciclopédia *Barsa*. Com sua fina ironia e inarredável bom humor, mais tarde costumava brincar dizendo que ganhou mais dinheiro vendendo *Barsa* em alguns meses do que como professor em vários anos. Entretanto, ao tentar vender a enciclopédia a um diretor de escola no bairro do Ipiranga, não teve êxito como vendedor; mas, na conversa, contou que era professor, tendo sido, em consequência, chamado para dar algumas aulas que estavam vagas naquela escola. Passou, assim, a lecionar, em 1965, no Colégio IV Centenário e, no ano seguinte, também no Instituto de Educação “Alexandre de Gusmão”, ambos no bairro do Ipiranga, em São Paulo.

## 6. Na PUC-SP e na Unicamp

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao ser criada em 1946, incorporou a antiga Faculdade de Filosofia criada em 1908 no

Mosteiro de São Bento, dando origem à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento. Sob os ventos do “aggiornamento” decorrente do Concílio Vaticano II, essa Faculdade iniciou um processo de renovação no início da década de 1960. Figura-chave nesse processo foi o Monseñor Enzo de Campos Gusso, conhecido simplesmente como Padre Enzo, que “assumi a direção da São Bento no final de 1960, com a decisão pessoal de nela promover uma profunda reforma com vistas à instalação de um processo que, a médio prazo, deveria atingir toda a Universidade” (Nagamine, 1997, p. 57). Engaja-se nessa tarefa José Massafumi Nagamine, nomeado Secretário da Faculdade de São Bento, em 1961. Essa intenção de reforma recebeu um novo impulso após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Com efeito, era preciso adequar a estrutura do ensino superior às novas normas estabelecidas pela LDB.

Foi nesse contexto que Nagamine, tendo sido informado que o professor Casemiro, que estava realizando um trabalho transformador na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, havia sido cassado pela ditadura militar e demitido daquela Faculdade, decidiu convidá-lo para trabalhar na São Bento (Nagamine, In: Reis, s/d, p. 102). Foi assim que, em março de 1967, Casemiro assume a disciplina Filosofia da Educação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento da PUC-SP, passando, a partir de 1968, a reger a cadeira de História da Educação da mesma Faculdade.

No mesmo ano de 1967, Nagamine foi transferido para a Reitoria, “exatamente com a incumbência de preparar um projeto de reforma do Estatuto”, tendo ele ponderado junto ao reitor “que não adiantaria apenas reformular o estatuto, era uma questão de reforma estrutural” (ibidem, p. 104). O reitor acatou essa ponderação e, em consequência, teve início o processo de reforma. E o Prof. Casemiro veio a se tornar um dos principais protagonistas dessa reforma, tendo formulado o projeto de implantação do Ciclo Básico, tornando-se o Coordenador Geral e se constituindo no grande inspirador, organizador e incansável mentor do Ciclo básico de Ciências Humanas e Educação, no qual, além de atuar como docente, supervisionava as atividades de todas as turmas nos períodos matutino, vespertino e noturno. E seu compromisso com a reforma geral da PUC-SP o levou a aceitar o cargo de Vice-Reitor Acadêmico, que exerceu de 19 de novembro de 1976 a novembro de 1980, passando, no mandato seguinte, a partir de 25 de novembro de 1980, a Vice-Reitor Administrativo.

Meu primeiro contato com o professor Casemiro se deu quando de seu ingresso na PUC-SP, no início do ano letivo de 1967, quando eu

ali iniciava minha carreira docente, recém-formado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da PUC-SP. No final de 1965, quando concluía o terceiro ano de filosofia, eu fora convidado pelo Prof. Dr. Joel Martins para me especializar em Filosofia da Educação. Com a vacância da cadeira em julho de 1966, em consequência da volta para os Estados Unidos do Prof. Stanley Krauss, que ministrava Filosofia da Educação no Curso de Pedagogia, o professor Joel assumiu interinamente e me indicou como seu monitor. Na definição das tarefas, ele me atribuiu duas das quatro aulas semanais reservadas à disciplina. Trabalhamos, assim, ao longo do segundo semestre, completando o ano letivo de 1966. Nesse ínterim, foram feitos os contatos com o professor Casemiro, que resultaram na sua contratação para a cadeira de Filosofia da Educação a partir de março de 1967. A essa altura, eu já havia me formado e, em consequência, fui indicado para assistente da cadeira cujo titular passava a ser o Casemiro.

A situação descrita era um tanto insólita, uma vez que, contrariamente ao habitual, não foi o titular da cadeira que indicou o assistente; este já tinha sido inserido na disciplina antes da chegada do titular.

Na reforma curricular da Faculdade de São Bento, a Filosofia da Educação, que era ministrada na terceira série com uma carga horária de quatro aulas semanais, foi desdobrada em duas: Fundamentos Filosóficos da Educação, inserida na segunda série com duas aulas semanais, e Filosofia da Educação, com três aulas semanais, na terceira série. Casemiro assumiu as aulas de Filosofia da Educação, sendo a mim atribuídas as de Fundamentos Filosóficos da Educação. Iniciamos aí uma interlocução fecunda, somente interrompida com sua morte em 24 de fevereiro de 2001. A partir de 1968 foram abertas novas turmas e, com a ampliação do número de aulas, o Prof. Casemiro assumiu as aulas de História da Educação das novas turmas e eu me tornei o responsável por todas as aulas de Filosofia da Educação. Pela nossa interação, os programas das duas disciplinas, embora desenvolvidos de modo autônomo, se articulavam. Ao mesmo tempo, iniciamos um processo de trabalho em equipe, como forma de preparar novos professores e pesquisadores ao incorporar alunos como monitores que, uma vez formados, eram contratados como auxiliares e prosseguiam sua formação no mestrado e, depois, no doutorado.

Em 1976, Casemiro foi chamado a trabalhar também na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde lecionou disciplinas da área de História da Educação, na graduação (Curso de Pedagogia) e na Pós-Graduação em Educação, da qual foi um dos fundadores. Passou,

assim, a dividir seu tempo entre a PUC de São Paulo e a Unicamp, além do Instituto de Educação “Alexandre de Gusmão”, cujas aulas jamais abandonou, num claro indicativo de seu gosto pelo ensino e da sua percepção de que é necessário aliar ao trabalho desenvolvido na Universidade, o contato permanente com a rede escolar pública que se destina à maioria da população brasileira.

Lamentavelmente, em 15 de outubro de 1980, exatamente no ano em que passei a colaborar com ele também na Unicamp, Casemiro sofreu um derrame cerebral, o que acarretou, em 1981, a sua aposentadoria. Lutou, porém, contra a doença, e após muitas seções de fisioterapia, recuperou os principais movimentos, tendo podido, ainda, dar importantes contribuições à sociedade brasileira. Entre essas, destaca-se, sem dúvida, a Editora Autores Associados, cuja continuidade, em Campinas, se deveu ao seu empenho, firmeza, clareza e coerência no propósito de defender e estimular a produção e difusão de trabalhos significativos para o desenvolvimento da cultura e educação brasileiras.

## 7. A divulgação da produção científica em educação

Em 1975, José Xavier Cortez e Orozimbo José de Moraes, que mantinham uma livraria na PUC-SP, constituíram a Editora Cortez & Moraes, iniciando suas atividades com a publicação do livro *Metodologia do trabalho científico*, de Antônio Joaquim Severino. No início dessa década, começaram a ser implantados os Programas de Pós-Graduação em Educação e, àquela altura, já surgiam as primeiras dissertações concluídas, entre as quais, em nossa avaliação, havia trabalhos relevantes que mereciam ser divulgados na forma de livro. Para realizar o trabalho de indicação de títulos novos, com vistas à sua publicação, foi constituído, em 1976, o Conselho Editorial da Editora Cortez & Moraes, que teve a seguinte composição: Antônio Joaquim Severino, Casemiro dos Reis Filho, Dermeval Saviani, Joel Martins, Maurício Tagtenberg e Walter Esteves Garcia. E os primeiros trabalhos começaram a ser publicados no âmbito de uma Coleção denominada “Educação Universitária”.

Entretanto, em 1979, desfez-se a sociedade entre o Cortez e o Moraes, surgindo duas editoras distintas: a Cortez Editora e a Editora Moraes. Mas, antes que se chegasse a essa solução, houve um período de crise que afetou as atividades do Conselho Editorial. Diante dessa situação, o grupo de professores que integrava o Conselho decidiu repensar o projeto e, para não ficar à mercê das contingências dos editores, resolveu constituir uma editora. Assim, por não dispor de capital próprio, essa editora deve-

ria, pelo menos inicialmente, operar à base de co-edições. A idéia era que, transformando-se o antigo Conselho em uma editora autônoma, caso se inviabilizasse, por alguma razão, as relações com determinado editor, seria possível recorrer a outros; e, mais do que isso, seria possível co-editar determinado título com uma editora e um outro título com uma outra editora, ampliando-se, portanto, o leque de possibilidades de modo a se assegurar que o projeto de publicações não viesse a sofrer solução de continuidade.

A partir desse entendimento, foi constituída, na virada de 1979 para 1980, a Editora Autores Associados. O nome deriva do fato de que seus criadores eram autores reais ou potenciais que estavam se associando para realizar esse projeto, o qual, por sua vez, se propunha a valorizar os jovens autores que, pela sua produção científica consistente, viessem a trazer relevante contribuição ao desenvolvimento da educação, em particular, e da cultura brasileira, de modo geral. O grupo instituidor foi composto por dez pessoas: Antonio Joaquim Severino, Casemiro dos Reis Filho, Dermeval Saviani, Gilberta Sampaio de Martino Jannuzzi, Joel Martins, Maurício Tragtenberg, Miguel de La Puente, Milton de Miranda, Moacir Gadotti e Walter Esteves Garcia. Na segunda metade dos anos 80, se retiraram do grupo os professores Joel Martins, Maurício Tragtenberg e Miguel de La Puente, sobrevivendo, também, o falecimento de Milton de Miranda.

A Autores Associados criou a Coleção “Educação Contemporânea” para a publicação de livros no formato padrão e, posteriormente, a Coleção “Polêmicas do Nosso Tempo” em formato de bolso e decidiu co-editar com a Cortez Editora, estabelecendo um contrato que previa uma contabilidade que distribuía as receitas e despesas igualmente à razão de 50% para cada uma das partes. Os primeiros livros foram publicados em 1980 e a parceria entre Autores Associados e Cortez se estendeu por toda essa década com um número significativo de títulos que a tornou um marco na produção editorial brasileira na área de educação.

No início dos anos 90, apareceram alguns indícios que sugeriam na direção da não-continuidade dessa parceria. Após diversas discussões, chegou-se à decisão de se proceder ao distrato. Começou, então, o processo pelo qual se procurava definir a forma do distrato, preservando-se os direitos de ambas as partes e de cada um dos sócios da Editora Autores Associados. O desfecho que se anunciava para esse processo era a extinção da Editora Autores Associados, ficando os membros do grupo livres para continuar publicando e cooperando com as atividades editoriais da Cortez Editora ou seguirem outro caminho. Nesse momento, o grupo tinha a seguinte composição: Antônio Joaquim Severino, Casemiro dos

Reis Filho, Dermeval Saviani, Gilberta Sampaio de Martino Jannuzzi, Moacir Gadotti e Walter Esteves Garcia.

O Prof. Casemiro, que residia em Campinas e nessa época se encontrava com sua mobilidade limitada em razão do derrame que havia sofrido, se fez representar nas reuniões que ocorriam em São Paulo pelos seus filhos Heloisa Baldy dos Reis, formada em Educação Física pela Puccamp, e Flávio Baldy dos Reis, formado em Economia pela Unicamp. Quando ficou claro que a Editora Autores Associados iria desaparecer, Casemiro, que por diversas vezes lamentara o rumo dos acontecimentos, afirmando que a idéia daquela editora não deveria morrer, enviou um recado curto e grosso: quem quisesse sair, que saísse; ele ficaria com o espólio. Na verdade, os dois filhos que o representavam haviam manifestado interesse em se dedicar ao ramo editorial, se constituindo, pois, numa garantia da continuidade do projeto. De minha parte, avalei que a posição do professor Casemiro era correta e que o empenho com que ele se dispusera a garantir a continuidade da editora poderia exercer um influxo benéfico em sua luta contra as limitações físicas, potencializando suas contribuições à educação brasileira. Decidi, pois, apoiar essa sua iniciativa. A mesma decisão foi tomada também por Gilberta Jannuzzi e por Walter Garcia. Assim, foi feito o distrato e a Editora Autores Associados passou a funcionar em Campinas a partir de 1992, sob a coordenação editorial de Heloísa e Flávio. Após aproximadamente dois anos, Heloísa decidiu afastar-se da editora, tendo permanecido Flávio Baldy dos Reis na função de Diretor Executivo, cargo que continua exercendo e que lhe permitiu imprimir um novo dinamismo, consolidando definitivamente a Editora Autores Associados. Desse modo, graças à determinação do Prof. Casemiro, a Autores Associados continua, de forma cada vez mais consistente, a contribuir significativamente para a divulgação, na forma de livros, da produção científica na área de educação.

## 8. O significado da educação

De acordo com o professor Casemiro, o valor da educação está em

apontar nossos limites e, ao mesmo tempo, descobrir nossas possibilidades. O educador deve ter capacidade para ver essas duas coisas. Educar é o ato de promover o outro nas características legítimas dele. Só o verdadeiro educador descobre tanto as fraquezas como os aspectos positivos do aluno. Cabe a ele denunciar estas fraquezas e desenvolver seus pontos fortes. (Reis Filho, 1984, p. 38)

Com esse entendimento, Casemiro não transigia com a qualidade. Por isso, era considerado um professor exigente, o que ele interpretava como uma maneira de não enganar os alunos: “eu gostava de acompanhá-los e chegava a ser duro com os mais fracos. Acontece que, se o aluno não sabe como aprender, cabe ao professor descobrir o modo de ensiná-lo” (ibidem, p. 37).

Nessa breve entrevista concedida à *Revista da ANDE*, o pensamento educacional de Casemiro se expressa por meio de algumas frases que poderíamos considerar verdadeiros aforismos pedagógicos. Cito alguns deles:

Uma das compensações que a gente tem como professor é saber que a nossa primeira empurrada fez com que outra pessoa crescesse.

A educação é a forma pela qual se ajuda a promover o outro.

É o adulto quem tem que se aproximar do mais jovem; a abertura tem que ser dele.

Eu não acredito no amor solitário, a não ser aquele do escritor que escreve para um “aluno” hipotético que é o seu leitor.

A relação do saber está no diálogo entre aluno e professor.

O professor está na sala de aula para ajudar o aluno a sistematizar o saber que ele traz de sua vivência.

O conhecimento só se torna saber quando faz parte da consciência do ser humano e é incorporado em sua experiência de vida. É aí que você tem o verdadeiro saber, aquele que dá coragem de fazer e dizer em qualquer circunstância, em qualquer situação, mesmo que seja preciso sofrer as conseqüências.

O aluno é o mestre do mestre [E Casemiro acrescenta]: isto não é invenção minha, é de Platão.

A relação professor-aluno é muito semelhante à relação amorosa: sem envolvimento de ambas as partes ela não existe. Não existe amor solitário.

Quem não for capaz de amar não pode ser educador. Não existe educador burocrata. Ele pode até se fantasiar de educador, mas não chega a ser.

A relação educativa é, antes de mais nada, um ato de amor, de amor pelo saber que é a consciência do outro. (Ibidem, p. 38-39)

Sua dedicação à causa da educação, bem como sua luta por uma escola pública de boa qualidade acessível a todo o povo brasileiro lhe custou a perda de todos os seus cargos, inclusive aqueles obtidos por concurso público, quando sobreveio o golpe militar de 1964. Durante o período em que esteve preso, veio a lume o seu trabalho *Índice básico da legislação do ensino paulista, 1890-1945*, que foi, porém, imediatamente recolhido por ser considerado altamente subversivo!

## 9. A escola pública

Conforme assinala Newton Ramos-de-Oliveira, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto “esteve com a Campanha da Escola Pública desde o seu início até posteriormente à aprovação da Lei 4.024/61” (Oliveira, 1989, p. 181).

A Revista *Anhembí*, dirigida por Paulo Duarte, um dos principais veículos engajados na campanha em defesa da escola pública, publicou, assinada pelo seu diretor, matéria em que compara a reação enérgica da Faculdade de Filosofia de Rio Preto com o silêncio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Diz, entre outras coisas, Paulo Duarte: “Porque não se justifica o mutismo da congregação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo...”. E conclui: “Felizmente, para salvar o conceito elevado das Faculdades de Filosofia, manifestou-se serena e dignamente, pelo menos a maioria dos professores da Faculdade de Rio Preto... Rendemos pois a nossa homenagem a essa Faculdade pelo seu gesto e pela dignidade com que redigiu a sua mensagem a Anísio Teixeira...” (Oliveira, 1989, p. 178).

A referida mensagem fora assinada pela maioria absoluta dos professores da Faculdade de Filosofia de Rio Preto. E, entre os signatários, logicamente estava o professor Casemiro, que participou ativamente da Campanha em Defesa da Escola Pública por ocasião da discussão do projeto da nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na segunda metade da década de 1950. Aliás, foi isso, entre outras qualidades, que chamou a atenção de José Massafumi Nagamine, então Secretário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da PUC-SP, levando-o a convidar Casemiro para trabalhar nessa universidade. E o professor agarrou com entusiasmo essa oportunidade, contribuindo decisivamente para transformar a PUC-SP, de uma escola acanhada que era na época, numa grande universidade, que veio a desempenhar papel importante no desenvolvimento da cultura e da educação brasileiras no período em que as universidades públicas se encontravam tolhidas em suas ações pelo controle autoritário exercido sobre elas pelo regime militar.

Assim, a sua participação na PUC-SP, longe de significar uma inflexão em sua luta pela escola pública, denota exatamente o contrário: a ocupação desse espaço, de certo modo privilegiado, como ponta de lança para potencializar ainda mais aquela luta. Um indicador disso foi o convite que recebi, em 1975, para integrar o corpo docente da recém-fundada Universidade Federal de São Carlos. Consultei-o sobre esse convite, cuja

aceitação implicaria o meu afastamento da PUC-SP e ele me respondeu sem titubear: não perca essa oportunidade. Trata-se de uma universidade pública e, além disso, jovem e federal. Essa experiência poderá ser muito importante para os objetivos que nós buscamos de desenvolvimento da cultura e educação brasileiras em benefício da população trabalhadora deste país.

Com a morte do Prof. Casemiro, em 24 de fevereiro de 2001, perdemos um grande aliado na luta em defesa da escola pública, de modo geral, e da universidade pública, em particular. Ainda no depoimento concedido à *Revista da ANDE*, em 1984, indagado sobre sua visão da escola pública, Casemiro respondeu que “ela sempre foi uma *coitadinha* como tudo que é do povo no Brasil: muito maltratada”. E lembrou um dito de Fernando de Azevedo, para quem a educação é igual à guerra: ou se faz a sério ou se perde. E concluiu: “Então, uma das maneiras que a classe dominante descobriu para perder e desvalorizar a educação foi tratar mal a escola, a começar pelo professor”. Diante disso, lhe foi perguntado se ele acreditava que era possível reconstruir essa escola, ao que ele imediatamente respondeu: “Isto é uma exigência. A luta que temos que empreender é uma exigência cívica e como há uma reserva muito grande de civismo no nosso povo, eu, como educador, tenho que acreditar nisto: no renascimento da escola. Senão, a gente morre junto...” (Reis Filho, 1984, p. 39).

Casemiro morreu sem ter tido a alegria de ver essa exigência atendida. Mas seu exemplo permanecerá como um estímulo constante para redobramos nossos esforços na luta pelo renascimento da escola; da escola pública; da universidade pública.

## 10. Publicações

Casemiro era um homem de ação. Era, por excelência, um educador. Gostava de estar em sala de aula, no trabalho de formação dos jovens. E gostava também de arregaçar as mangas e pôr a mão na massa, criando, organizando e implementando as estruturas necessárias para viabilizar o trabalho formativo, tendo em vista o desenvolvimento da educação em todos os seus aspectos. Talvez, por isso, foram poucos os trabalhos que publicou. Redigiu preciosos textos como “Raízes históricas da educação contemporânea”, de 1971, escrito para a disciplina Introdução à Educação do Ciclo Básico de Ciências Humanas e Educação; “A revolução brasileira e o ensino” e “Modernização da cultura brasileira”, ambos de 1974, escritos para subsidiar o trabalho didático da disciplina História da

Educação. Escreveu, ainda, diversas notas para orientar e organizar as ações exigidas pela implantação das reformas nas instituições de ensino em que trabalhou. Tais textos ficaram circunscritos à circulação interna na universidade, não tendo sido divulgados na forma de livro ou de artigos.

Quanto às publicações, além do já mencionado *Índice básico da legislação do Ensino Paulista, 1890-1945*, publicado em 1964 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto e reeditado em 1998 pela Faculdade de Educação da Unicamp, em co-edição com a Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília, cabe mencionar o texto “Reforma universitária e ciclo básico: Modelo viável”, que integrou o livro *Educação brasileira contemporânea: Organização e funcionamento*, organizado por Walter Garcia e publicado pela Editora McGraw-Hill, de São Paulo, em 1976. Sua obra principal, porém, é *A educação e a ilusão liberal: Origens da escola pública paulista*, que resultou de sua tese de doutoramento, defendida em 1974 na PUC-SP, tendo sido publicada na forma de livro em 1981 e reeditada em 1995 pela Editora Autores Associados, de Campinas.

## 11. Conclusão

À vista dos elementos que procurei apresentar neste artigo, acredito que os leitores poderão ter uma idéia da grande contribuição de Casemiro dos Reis Filho para a educação brasileira. Contudo, penso que, para além das informações que pude arrolar, falam mais forte os sentimentos dos muitos alunos e colegas professores de todo o país, que tiveram a oportunidade de conviver de alguma forma e em determinadas circunstâncias com o professor Casemiro. Para ilustrar esses sentimentos, vou transcrever cinco depoimentos registrados no *Jornal da PUC* de São Paulo, nº 181, última página, correspondente à 2ª quinzena de março de 2001, portanto, menos de um mês após a morte de Casemiro.

Maria do Carmo Guedes, professora de Psicologia Social e de Metodologia da Pesquisa, que trabalhou com Casemiro por vários anos no Ciclo Básico de Ciências Humanas e Educação da PUC-SP, assim se manifestou:

O Casemiro foi a pessoa com quem eu mais aprendi na vida. Trabalhei com ele cerca de sete anos. Aprendi, por exemplo, a importância de ter um encontro semanal mesmo não tendo problemas para discutir. Fazer reunião não era resolver coisas, era encontrar-se. Trabalhar em grupo adquiriu para mim um significado completamente novo. Esse é um aprendizado incrível para viver um tipo

de universidade como a nossa. Outro fato curioso e interessante é que, certa vez, foi instaurado um processo contra o Casemiro por subversão e manipulação de alunos. Um dos depoentes contra ele era pai de uma aluna. Este homem teria dito que o Casemiro realmente manipulava alunos com base no fato de que sua filha, que não era de estudar muito, desde que havia entrado no curso de Pedagogia, não saía da Universidade. Quer dizer, era contra o professor o fato de ele conseguir manter o aluno interessado nos estudos. Isso mostra um pouco o tempo em que ele viveu, o que foi a Universidade no início da ditadura. Ele era um grande professor, sem ser professoral. Não impunha conhecimento. Quando a gente via, já tinha aprendido sem perceber que ele estava ensinando.

Yara Khouri, coordenadora do Centro de Documentação e Informação Científica “Professor Casemiro Reis Filho” (Cedic), destacou o aspecto relativo à criação desse Centro:

O professor Casemiro sempre batalhou por uma universidade que tivesse função pública, social. O Centro de Documentação e Informação Científica da PUC (Cedic) surgiu em 1980, com o apoio fundamental do Casemiro, a partir de uma idéia do professor Pinheiro Machado, da Filosofia. Com sua visão ampla de universidade, Casemiro sugeriu que a pesquisa abrangesse todas as áreas de maneira integrada e não somente a Filosofia. Sugeriu então um centro de documentação. O professor Pinheiro Machado ficou muito assustado e disse: “Mas como vou criar um centro?”. O Casemiro respondeu: “Nós precisamos acreditar nas possibilidades da Universidade e ter a coragem de levar em frente”. Já era a semente de um diálogo interdisciplinar: “é pensando de maneira ampla em relação à universidade que se produz frutos”, dizia Casemiro.

Eis como se manifestou o Padre Edênio dos Reis Vale, professor do Departamento de Teologia, que trabalhou junto com o Casemiro na equipe da reitoria como Vice-Reitor Comunitário:

Conheci o Casemiro em 1968, quando entrei na PUC. Foi um ano difícil, de muitas revoluções na Europa. No Brasil, isso culminou com o AI-5 e a oficialização da ditadura militar. A PUC repercutia toda essa agitação cultural do país e do mundo inteiro. Como o Casemiro tinha um passado de militância política e um grande conhecimento de História da Educação, foi facilmente assimilado pela comunidade acadêmica da PUC. Rapidamente, mostrou o que considero suas três grandes qualidades: uma ampla visão do problema educativo e universitário no Brasil, o desejo ardoroso de instaurar um processo de mudança dentro da universidade e um desejo igualmente forte de introduzir, em termos do país, uma mudança no campo político. Ele se projetou na PUC com o Ciclo Básico, que era, em princípio, um modelo imposto pela ditadura militar e foi transformado por um grupo de jovens professores da PUC em um plano de reestruturação, baseado em uma nova visão de universidade. Dentro dos limites que a ditadura militar permitia, a PUC instaurou uma das experiências

acadêmicas mais interessantes daquele decênio. O Casemiro tornou-se o líder desse movimento e vestiu a camisa da Universidade. Ele também se identificou muito com as propostas que vinham de Dom Paulo Evaristo Arns e da igreja. Naquela reitoria, liderada pela professora Nadir Kfoury, criamos um grupo de trabalho que tinha nele um de seus mentores intelectuais.

E agora o depoimento de Alípio Casali, professor da Pós-Graduação em Educação: Currículo, que na época era um jovem professor ingressando na universidade:

Meu primeiro contato com o Casemiro aconteceu logo que cheguei na PUC. Ele era coordenador do Ciclo Básico e eu um jovem professor, recém-graduado. Me disseram que eu deveria, em algum momento, conversar com ele. Não por uma obrigação institucional, mas porque ele era a referência sobre o projeto do Ciclo Básico e da Universidade. Daí vem a imagem que eu tenho dele. Fui me apresentar e ele me perguntou onde eu tinha feito faculdade. Eu falei que não era na universidade, mas em uma faculdade isolada. Ele falou: “então você está entrando agora na universidade?” Eu falei: “é”. Ele perguntou: “você sabe o que é uma universidade?” Eu: “acho que eu sei...”. Casemiro: “provavelmente não sabe. Diga-me o que você acha que é uma universidade”. Aí eu disse umas coisas lá que eu imaginava. Ele falou: “eu vou te dizer o que é uma universidade”. E começou a falar da responsabilidade em relacionar pesquisa, ensino, interdisciplinaridade, articulação do conhecimento, de recuperar a integralidade do conhecimento, e, principalmente, da universidade não se restringir a ser apenas um lugar de formação de profissionais mas, sobretudo, de cidadãos. Me alertou para aquilo que foi a chave, digamos, de praticamente todo o projeto do Ciclo Básico: a formação de uma consciência crítica. Eu ouvi aquela verdadeira aula extasiada. Nunca me esqueci. Ela pauta até hoje muitas das coisas que eu penso acerca da Universidade. Em 1981, quando assumi a coordenação do Ciclo Básico, tive nele uma referência importante. Ele foi um profissional e um ser humano exemplar. O professor Casemiro era circunspecto, discreto, mas uma pessoa íntegra e extremamente sincera no trato. Uma figura inesquecível.

Finalmente, o testemunho de quem o trouxe para a PUC, José Massafumi Nagamine, coordenador da Consultoria Técnico-Acadêmica:

A educação foi opção de vida do professor Casemiro. Dono de um boteco, em Rio Preto, vendeu o comércio para financiar seu curso de pedagogia. Na década de 1950, ficou conhecido nos meios educacionais envolvidos na discussão do projeto que deu origem à primeira Lei de Diretrizes e Bases, defendendo a escola pública. Depois de cassado, quando veio para São Paulo, já na PUC, sempre se orgulhava de ter sido um bom vendedor de enciclopédia. Desde 1967, nunca mais deixou nossa comunidade puquiana, mesmo nos anos em que esteve, fisicamente, afastado. Em 1968, tomando conhecimento da proposta de reforma universitária da PUC, na qual se previa um ciclo introdutório comum a todos os cursos e alunos da Universidade, logo se empenhou com a proposta e,

imediatamente, começou a trazer suas idéias, discuti-las e sonhar como se elas já estivessem em concretização. Sem perceber, tornou-se o principal idealizador do Ciclo Básico. Em 1976, foi escolhido pela Reitora Nadir Gouvêa Kfoury para ser Vice-Reitor Acadêmico. No mesmo ano, realizou a primeira sessão deliberativa do Conselho de Ensino e Pesquisa, o Cepe. Casemiro também foi responsável pela implantação e consolidação da reforma universitária da PUC. Por sua proposta, em 1978, foi criado o fundo de pesquisa, que veio a dar origem ao Fundo de Apoio à Pesquisa, órgão de grande importância para o incentivo e a implementação da pesquisa na Universidade. Quando a professora Nadir foi eleita para o seu segundo mandato, em 1980, Casemiro, homem dos desafios, aceitou o convite, desta vez para a Vice-Reitoria Administrativa. Infelizmente, nessa época, começaram seus problemas de saúde. Doutor em Educação pela PUC-SP, Casemiro foi um dos maiores construtores dessa nossa Universidade.

Como assinalei na abertura de seu depoimento ao número 8 da *Revista da ANDE*, em 1984, trata-se de uma das mais completas figuras de educador que a nossa história registra. Normalista, pedagogo e doutor em educação, professor primário, secundário e universitário, Casemiro dos Reis Filho foi um historiador da educação que, talvez por isso mesmo, estava sempre atento ao momento presente. Captava com lucidez as tendências conjunturais, sabendo não apenas compreendê-las, mas inserir-se nelas praticamente com vistas à realização de suas potencialidades, sempre num sentido progressista.

Em suma: o Prof. Casemiro dos Reis Filho foi um educador completo, de primeira linha, que teve uma atuação múltipla, abrangendo as características do professor dedicado e exigente, ao mesmo tempo culto e erudito, reconhecido como um verdadeiro mestre pelas sucessivas gerações que por ele passaram; um administrador arrojado, um reformador, um estimulador de talentos, um pesquisador rigoroso; um intelectual engajado, crítico mordaz da mediocridade e da política conservadora, tendo sempre por norte a defesa das necessidades populares traduzida, em especial, numa educação de qualidade a ser ministrada no âmbito das escolas públicas de nível fundamental, médio e superior, acessíveis, sem restrições de espécie alguma, a toda a população do nosso país.

*Recebido para publicação em outubro de 2001.*

## Notas

1. Essas informações sobre os ascendentes do Prof. Casemiro foram obtidas por sua irmã Aldaiza que as registrou em carta dirigida a Cacilda Baldy dos Reis, esposa de Casemiro, no mês de setembro de 2001.

2. Ficha Funcional de Casemiro dos Reis Filho, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, 1965, fls.2.

#### CASEMIRO DOS REIS FILHO AND THE BRAZILIAN EDUCATION

**ABSTRACT:** *The present paper seeks to trace the itinerary of Prof. Casemiro dos Reis Filho from his parent's origins, in Portugal, passing by his school years in inland São Paulo, his formation in pedagogy at USP and his doctor's degree at PUC-SP. It also stresses his highly praised activities as a teacher in the primary, secondary and higher education, not to mention his scientific production, university administration and efforts to spread educational research, thus highlighting his crucial contribution to develop Brazilian education.*

**Keywords:** *Education; Pedagogics; Education history; Brazilian pedagogical thinking; Brazilian educators.*

#### Referências bibliográficas

- ATTAB, Zuleika Aum. A experiência de reforma universitária na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1959-1964). Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São José do Rio Preto, 1973.
- AZEVEDO, Fernando. *Um trem corre para o oeste*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- GUEDES, Maria do Carmo. Depoimento. *Jornal da PUC*, São Paulo, nº 181, mar. 2001, p. 8.
- CASALI, Alípio. Depoimento. *Jornal da PUC*, São Paulo, nº 181, mar. 2001, p. 8.
- KHOURI, Yara. Depoimento. *Jornal da PUC*, São Paulo, nº 181, mar. 2001, p. 8.
- NAGAMINE, José Massafumi. *Universidade e compromisso social: A experiência da reforma da PUC de São Paulo*. Campinas/São Paulo: Autores Associados/Educ, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Entrevista". In: REIS, Adriana Teixeira, A história da disciplina História da Educação do curso de pedagogia da PUC-SP. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, s/d., p. 102-106.
- \_\_\_\_\_. Depoimento. *Jornal da PUC*, São Paulo, nº 181, mar. 2001, p. 8.

- OLIVEIRA, Newton Ramos de. *Sapere aude* (A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto no período de 1957-1964). Dissertação de Mestrado, UFSCar, São Carlos, 1989.
- PINTASSILGO, Joaquim. *República e formação de cidadãos: A educação cívica nas escolas primárias da primeira república portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- REIS FILHO, Casemiro. "Entrevista". In: REIS, Adriana Teixeira, A história da disciplina História da Educação do curso de pedagogia da PUC-SP. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, s/d., p. 121-131.
- \_\_\_\_\_. Entrevista. *ANDE*, Revista da Associação Nacional de Educação, ano 4, n° 8, 1984, p. 37-39.
- \_\_\_\_\_. *Índice básico da legislação do Ensino Paulista, 1890-1945*. São José do Rio Preto, FFCLESJRP, 1964 (2ª ed.: Campinas/Marília, FE-Unicamp/FFC-Unesp, 1998).
- \_\_\_\_\_. "Reforma universitária e ciclo básico: Modelo viável". In: Garcia, Walter (Org.), *Educação brasileira contemporânea: Organização e funcionamento*. São Paulo: McGraw-Hill, 1976, p. 195-224.
- \_\_\_\_\_. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981 (2ª ed.: Campinas: Autores Associados, 1995).
- \_\_\_\_\_. Raízes históricas da educação contemporânea. São Paulo, PUC-SP, 1971 (mimeo).
- \_\_\_\_\_. A revolução brasileira e o ensino. São Paulo, PUC-SP, 1974 (mimeo).
- \_\_\_\_\_. Modernização da cultura brasileira. São Paulo, PUC-SP, 1974 (mimeo).
- VALE, Edênio dos Reis. Depoimento. *Jornal da PUC*, n° 181, mar. 2001, p. 8.